

5

O Cartel, um tratamento para os efeitos de grupo?¹

Nos capítulos anteriores tratamos de tatear os conceitos e as operações que atravessam a idéia de coletivo, massa ou grupo. Desta primeira parte extraímos a função do líder como primacial na massa freudiana, pois é em torno dele que os membros do grupo se aglutinam. Além disso, advertimos que o ganho de poder deste personagem ocorre quando ele encarna um Ideal comum a todos. Desta operação decorre uma série de conseqüências que culminam na mudança radical de comportamento e homogeneidade dos indivíduos que compõe a massa.

A partir daí um estudo sobre a função do Ideal do Eu nas operações que ascendem essa instância foi fundamental. Através das coordenadas coletivas apontadas no Estádio do Espelho e no Édipo, observamos a incidência do Outro e dos outros na ascensão do *eu* e do *sujeito* – conceitos que encerram a idéia de unidade e subjetividade.

Neste capítulo nos deteremos no aprofundamento da idéia de cartel e nas possibilidades de tratamento das peculiaridades da massa freudiana que este pequeno grupo engendra. Para tanto apostamos na função singular do *mais-um* como operador lógico fundamental nesta reversão que inclui o acolhimento da diversidade e a aposta no laço horizontal pela desmaterialização do Ideal.

5.1

O pequeno grupo de Lacan e a massa freudiana

Como já dissemos anteriormente o grupo não foi objeto privilegiado de estudo da psicanálise. Apesar de Freud ter dedicado um texto para sua

¹ Este capítulo remete às referências e textos extraídos diretamente do trabalho de pesquisa realizado pela Associação Digai-Maré acerca do tema do cartel, compilados especialmente na publicação: GROVA, T.; MACHADO, O. (Orgs). Psicanálise na favela - projeto Digai-Maré: a clínica dos grupos. Rio de Janeiro: Associação Digai-Maré, 2008.

compreensão, a análise do grupo, feita pelo mesmo, se direcionava às atribuições da massa. Freud descreveu e analisou o fenômeno sem se preocupar em um uso posterior do próprio grupo na aplicação da teoria psicanalítica.

Atualmente a terapia de grupo tornou-se uma ferramenta clínica amplamente utilizada. A política da massa ganha força no processo democrático contemporâneo, especialmente pelo viés econômico do consumo de massa. Terapeutizar o grupo também pode ser uma forma de aplicar essa política, atendendo mais pessoas em menos tempo, cumprindo a máxima “*time is money*” (Barros, 2007, p. 59).

Como então pensar uma abordagem não massificante para o grupo clínico?

Jacques Lacan o colocou em pauta novamente e por outra perspectiva, ao tratar fundamentalmente do trabalho proposto pela escola por ele fundada.

Em 1964, na ata de fundação que cria a *Escola Freudiana de Paris* e estabelece suas coordenadas de trabalho, Lacan delimita como base operadora da sua instituição, seu motor primário de funcionamento, o trabalho do pequeno grupo.

Para execução do trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração apoiada num pequeno grupo. Cada um deles (temos um nome para designar esses grupos) se comporá de no mínimo três pessoas e no máximo cinco, sendo quatro a justa medida. MAIS UM encarregado da seleção, da discussão e do destino a ser reservado ao trabalho de cada um. (Lacan, 1964, p. 235)

Este grupo, que Lacan denominou Cartel, funciona reunindo um número determinado de pessoas, acima disposto, que se interessam por um mesmo tema, questão ou problema da psicanálise. O Cartel é um modo de estudo e transmissão da psicanálise bem como a porta de entrada da escola, dita assim, lacaniana. Nas palavras de Lacan: “O grupo constituído por escolha mútua segundo o ato de fundação, e que se chamará Cartel, apresenta-se para minha aprovação com o título do trabalho que cada um tencione levar adiante nele” (Ibid., p. 241).

Os cartéis tal como Lacan proferiu se tornaram a principal ferramenta da apreensão da psicanálise e sua transmissão. A multiplicação desses núcleos articula a “psicanálise em intensão” com a “psicanálise em extensão” (Lacan, 1967, p. 251). A primeira refere-se à própria experiência entre o analista e o

analisando, artifício primordial na formação de um analista. A psicanálise em extensão trata da articulação entre a vida cotidiana com a psicanálise e o saber que esta dispõe; um exercício de transmissão e revisão da herança freudiana a partir de Jacques Lacan (Cf. Jimenez, 1994, p. 12).

A formação de um grupo, independente de sua tarefa, traz consigo um ônus já conhecido para nós e para a teoria psicanalítica. Como Freud apontara em “Psicologia das massas e análise do eu” para que um número x de indivíduos se reúna faz-se necessário um elo comum. Este elo é o líder em primeiro lugar. Como apontamos no capítulo anterior, é o amor, o reconhecimento que aquele destina aos outros que conecta os membros entre si. A identificação com o líder parece ser a idéia irreduzível que faz funcionar a aparelhagem de toda e qualquer formação grupal. Tal como afirma Freud, o grupo é um número de pessoas que colocou o líder no lugar do ideal do eu, trazendo assim um traço permeável a cada um dos membros (Cf. Freud, [1921], p. 126).

Nossa investigação aqui nos remete à seguinte pergunta: Como o Cartel pode tratar os efeitos da massa? E ainda, como o *mais-um* pode ser diferente de um líder?

Em 1980 Lacan retorna ao tema do trabalho do Cartel designando novas direções que formalizaram tal instrumento. Cabe aqui retomarmos o texto lacaniano para a continuidade de nossa discussão.

Em primeiro lugar - Quatro se escolhem para prosseguirem um trabalho que deve ter seu produto. Dou a precisão: produto próprio a cada um, e não coletivo.

Em segundo lugar - A conjunção dos quatro se faz em torno de um *mais-um* que sendo qualquer um, deve ser alguém. Cabe a ele o encargo de velar pelos efeitos internos da empresa e de provocar sua elaboração.

Em terceiro lugar - Para prevenir o efeito de cola (*grude*), uma permutação deve ser feita no prazo fixo de um ano, dois no máximo.

Em quarto lugar - Nenhum progresso é esperado senão e de uma exposição periódica a céu aberto dos resultados assim como das crises de trabalho.

Em quinto lugar - O sorteio assegurará a renovação regular das referências criadas com o fito de vetorizar o conjunto (*apud*, Jimenez, 1994, p. 14-15).

Percebemos que o pequeno agrupamento lacaniano se faz em primeiro plano através de um interesse comum que, a princípio, dispensa uma encarnação, como o faz o líder na massa freudiana. A instituição de uma tarefa no coletivo, que não coincide com um produto comum, aparece como o primeiro dado para a

possibilidade de ajuntamento. Além disso, privilegia a produção singular em detrimento do apagamento dos índices de distintividade do indivíduo.

Nesta configuração, Lacan denominou *de mais*-um aquele que resguarda o interesse maior do grupo e o provoca. Para proteger o grupo dos efeitos de cola imaginária observados na massa freudiana, Lacan institui a permuta com prazo fixo e o fim do cartel que possui um tempo determinado.

Embora as regras acima citadas tenham por objetivo prevenir as balizas que situam um grupo enquanto tal, porque insistir numa formação que tanto nos relembra a estrutura freudiana fadada ao fracasso, no que diz respeito à promoção do singular, significante tão caro à psicanálise?

Talvez a resposta esteja num escrito, ainda bem anterior à fundação da *Escola Freudiana de Paris*, intitulado “A psiquiatria inglesa e a guerra” (Lacan, 1947). Nele Jacques Lacan conta o seu encantamento com o trabalho de grupo observado na Inglaterra durante a segunda guerra mundial. O escrito é marcado por uma constante sensação de surpresa do autor ao se deparar com a possível utilização do artifício do grupo com sucesso. Os grandes responsáveis pelo empreendimento que narra Lacan no texto de 47, foram dois psiquiatras ingleses: Bion e Rickman.

Os grupos terapêuticos se formaram a partir do impasse que a guerra impunha. De um lado havia a necessidade de um grande contingente de soldados que pudessem lutar pela Inglaterra; e do outro lado centenas de soldados que por problemas os mais variados possíveis se encontravam impossibilitados de ir à frente. Pela ordem das circunstâncias e a dificuldade de tratar de 400 soldados individualmente, Bion e Rickman lançaram mão do artifício do grupo. Laurent definiu essa assertiva como “realismo de combate” (Laurent, 2005, p. 17) através do qual uma situação extrema requer uma aposta no pragmatismo para além do princípio “*time is money*” (Barros, 2007, p. 62). Isto quer dizer que, em circunstâncias extraordinárias, o otimismo prático pode, responder que não pela via da capitalização do tratamento. A urgência pragmática pode transforma-se numa forma de reinventar dispositivos anteriormente calcados na política da massa.

A principal atribuição dessa reunião que a diferenciava radicalmente da massa freudiana era a extinção da identificação verticalizada imposta pela figura do líder. No agrupamento bioniano, os soldados se reuniam para executar uma

tarefa. Dessa forma o “pragmatismo parecia responder à queda do discurso universal do pai, que na dinâmica dos grupos, tomava a forma da verticalização das identificações” (Duba, 2007, p. 76). Ao invés de se respaldar na figura de um ideal como agente aglutinador, Bion apostou na identificação horizontal.

Na tarefa a ser realizada pelo grupo admitiam-se as especificidades de cada um, seu próprio modo de lidar com a realização do trabalho e com os outros; e ainda assim, cabia o não querer fazer. As regras que regiam os conjuntos de soldados eram permeadas pela descompletude, atribuição em princípio, contrária ao grupo que se pretende universal.

1) Todos os homens devem fazer uma hora de exercício físico por dia, *salvo se apresentarem um certificado médico*; 2) Todos os homens a uma ou a várias das seguintes atividades: trabalhos manuais, cursos de correspondência organizados pelo exército; marcenaria; cartografia; construção de maquetes etc.; 3) É permitido a cada homem formar um novo grupo, seja porque não existe ainda o tipo de atividade que ele deseja, seja *porque, por uma razão qualquer, é impossível para ele aderir a um dos grupos já existentes*; 4) *Todo homem que não se sinta em condições de assistir as reuniões de seu grupo deve se dirigir a sala de repouso.* (Barros, 2007, p. 65)

Observamos nessa passagem no relevo dado pelo autor citando Bion, uma outra “regra” implícita às vigentes, que burla a homogeneidade característica do grupo. A regra que se encontra subtendida a todas as demais é a negociação. Ou seja, a possibilidade de transação, troca, ou acordo que se estabelece entre aquilo que está instituído e aqueles que estão institucionalizados². Nas normas elaboradas por Bion, encontra-se prevista a condição do Outro na neurose, a de ser barrado. Na massa freudiana o Outro massacra o sujeito porque e ele tudo responde, não sobrando aí a hiância responsável pelo seu advento. Nas atribuições “exigidas” por Bion para a participação de alguém no grupo nenhum significativo é imperativo e por isso o Outro deixa de ser absoluto.

A influência da psicanálise nos grupos de Bion, ao mesmo tempo em que relativiza a onipotência do Outro, prescreve a emergência do sujeito. O arranjo é inovador por princípio, pois adverte de saída (ou entrada) que os soldados se encontram em tratamento justamente pela dificuldade de se adequarem ao grande grupo, como o exército, deixando transparecer impotência neurótica. No artigo

² Aqui o termo “institucionalizados” se refere a um grupo de pessoas que cumprem as mesmas regras ou leis.

intitulado “tensões intragrupais na terapêutica”, Bion e Rickman elencam dois aspectos fundamentais para a disciplina da guerra:

- (I) a presença do inimigo, que fornece um perigo comum e um objetivo comum;
- (II) a presença de um oficial que, sendo experimentado, conhece algumas de suas próprias deficiências, respeita a integridade de seus homens e “não tem medo de sua boa vontade, nem de sua hostilidade.” (Bion, 1975, p. 5)

Para Negreiro e Viola (2007), uma das garantias de sucesso do grupo de Bion foi incluir o inimigo no conjunto. Neste caso aquele a se combater não é representado por uma ameaça externa e sim por um sofrimento calcado na frustração que aqueles soldados apresentavam diante da imposição de contribuir em tempos de guerra.

Comumente os que não se adaptam à massa são expelidos, são segregados pelo preceito universalizante. Bion diz um NÃO à exceção, via de regra da massa. Ele opera com o grupo abrangendo a dimensão singular de cada um, admitindo aí sujeitos; por isso a aliança dos membros contidos nele é o que chamamos na psicanálise lacaniana de laço social. Na massa freudiana a presença do Outro absoluto apreende o olhar de todos, e a relação entre os membros do grupo só acontece via líder; se este é destituído o grupo se desfaz. Quando Bion propõe a assimilação da diferença despoja a soberania do Outro afirmando que “aqui cabe todo mundo”, ou ainda nas palavras de Laurent:

Um grupo que por essas razões, se opõe por princípio à homogeneidade da massa porque não se sustenta no olhar absoluto do Ideal, nem da igualdade imaginária que deriva da identificação àquele Ideal, mas em um laço social reduzido ao trabalho, à realização do objetivo comum, como diria Bion. (Laurent, 1998, p. 259)

Tal como no grupo de Bion, o dispositivo do Cartel opera na lógica em que a tarefa induz cada sujeito a obter um produto. Embora a empreitada seja coletiva, o percurso para se chegar a ela é individual e remete ao singular de cada um. Dessa forma a identificação vertical, como a que o líder oferece, se enfraquece e abre espaço para a identificação horizontal. Restitui-se aí a transferência simbólica entre os membros do grupo que na massa institui-se imaginizada pelos atributos pujantes do Um.

No pequeno grupo lacaniano, além da tarefa como função aglutinadora, é ao *mais-um* que se destina a responsabilidade de diluição da “cola” grupal. Sua importância não está nas qualidades que um chefe possui, mas em sua permanente ação de deixar o trono vazio, impedindo que qualquer um, inclusive ele mesmo se deixe seduzir pela possibilidade de ascensão sobre os outros.

5.2

O *mais-um*, menos um líder

O *mais-um* é uma figura que inicialmente no cartel possui um lugar destacado. Ele é escolhido pelos membros do grupo, que geralmente o elegem a partir do interesse comum que agrupa os participantes. Uma vez em que o tema do trabalho comum é definido, o nome do *mais-um* surge como alguém que detém algum saber sobre o assunto, ganhando aí lugar privilegiado no grupo. Entretanto a construção teórica do cartel por Lacan não visa a retomada do líder da massa que personifica o Ideal. Pelo contrário consta no trabalho do *mais-um*, tentar esvaziar a cada encontro esta suposição de saber. Atento aos ensinamentos freudianos sobre a massa, Lacan, talvez propositadamente, chamou o *mais-um* de “qualquer um” (*Apud*, Jimenez, p. 14). Isto não indica que de saída ele será qualquer pessoa, mas que a sua função também é a de não saber. O *mais-um* também é incumbido de realizar uma tarefa. Diferente do líder que faz a massa trabalhar pelo mandato hierárquico, digamos que o *mais-um* aciona o trabalho pela frustração, pela causação. O que pode ser construído como conhecimento, o produto de cada um no cartel, é feito às custas deste *um a mais* que se situa sempre como *um a menos*. Segundo Cabas:

Quatro mais um não fazem um grupo de cinco mas um conjunto de quatro mais um. O um não se adiciona, isto é, sua propriedade associativa se reduz a zero. O resultado é que o “mais” não é um signo algebraico; é um significante que denota separação. A fórmula “quatro mais um” deve ser lida ao pé da letra: quatro separados um por um. (Cabas, 1994, O cartel, p. 52)

Diferente do líder, que encerra todas as respostas nele mesmo e representa o mestre elidindo o sujeito, o *mais-um* no cartel assegura que aos seus participantes nenhuma resposta será dada que não provenha deles mesmos. Nesse

sentido a função de separação exaltada por Cabas refere-se ao exercício permanente do *mais-um* em incitar que cada participante se comprometa com o trabalho, desmistificando que o seu percurso e suas respostas se encontrem no Outro. É a separação tal como Lacan elucidou no “seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”³ ao tratar da alienação-separação⁴, que não deixa de ser o trabalho da psicanálise. Frente à nossa perpétua alienação aos significantes do Outro, a técnica psicanalítica tenta decantar aquilo que no sujeito encontra-se menos assujeitado. Esta intervenção no cartel acontece pela presentificação da falta, lugar que o *mais-um* resguarda. Ele está ali para impedir que os membros do pequeno grupo saiem seu furor de completude pela figura do Um, função que um Ideal bem desempenha. Por isso o *mais* possui atributo de *menos*.

O *mais* contido em sua definição – *mais-um* - não significa atributo hierárquico, ou de qualquer outra espécie, como se a ele se somasse algo que falta aos outros. O advérbio de intensidade encontra-se aí respaldado pela fórmula do nó borromeano $x + 1$ em que o $(+1)$ é o aro que enlaça os três registros imaginário, simbólico e real (Cf. Duprat, 1994, p. 53).

O nó borromeano se configura na topologia introduzida no ensino de Lacan em 1972⁵ para apresentar a relação entre os registros real, simbólico e imaginário: RSI. Para o enodamento é necessário pelo menos três aros. Na amarração do nó quando um aro se solta todos os outros um a um também se desamarram apontando para uma relação intrínseca entre eles⁶.



Figura 3 – Nó borromeano de três aros

³ No seminário 11: “os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (1964), Jacques Lacan destina dois capítulos ao tratar dos conceitos de alienação e separação, a saber: Capítulo XVI - O sujeito e o Outro (I): A Alienação e capítulo XVII - O Sujeito e o Outro (II): A Afânise, respectivamente.

⁴ Os conceitos de alienação e separação referem-se ao movimento do sujeito em constituir-se a partir dos designos do Outro.

⁵ Lacan, seminário 19: ...Ou pior. Aula 5, 3 de março de 1972.

⁶ Lacan, seminário 22: RSI. Aula 1, 10 de dezembro de 1974.

Ainda no seminário RSI Lacan introduz o nó borromeano de quatro elementos⁷. Nesta figura o quarto aro é fundamental para o enodamento, sendo suplementar à trilogia. Lacan lança aí uma idéia de disjunção fundamental dos três registros. Será esse último aro responsável por manter a cadeia unida. Uma vez solto todos os outros se desacorrentaram, um de cada vez, até o primeiro. O último aro acrescentado é responsável por manter os outros unidos. Inicialmente Lacan define o quarto aro como Nome-do-Pai⁸ no que este possui a função de nomear as coisas amarrando e dando consistência aos registros.

O (+1) no nó borromeano garante que RSI estejam unidos num arranjo em que nenhum deles se encontre numa amarração privilegiada.

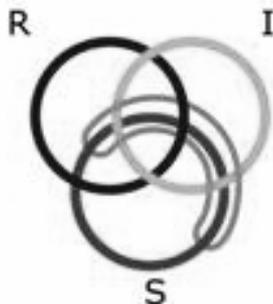


Figura 4 – Nó borromeano de quatro aros com reforço no simbólico

Tal como a figura ilustra o *mais-um* seria este quarto aro responsável pela amarração dos registros, porém imprescindível como qualquer um dos outros para a configuração do nó.

Trata-se de que cada um se imagine ser o responsável pelo grupo, ter como ele o *mais-um* que responder pelo grupo (...). Ele não se imagina assim erradamente, já que, de fato, o que faz nó borromeano está submetido a esta condição de que cada um seja, efetivamente, e não só imaginariamente, o que sustenta o grupo. (Bouquier, 1994, O cartel, p. 66)

Na citação acima Bouquier aponta para a função do *mais-um* no cartel de reconfigurar o laço imaginário que incide na massa. O que ele aciona na tarefa do grupo e de cada um, não o faz pela incorporação comum de um mesmo ideal.

⁷ Lacan, aula 3, 14 de janeiro de 1975.

⁸ Significante fundamental na obra de Lacan introduzido no terceiro capítulo dessa dissertação.

O líder apresenta a tarefa que a massa executa. O ideal projetado pelo líder depende da identificação da massa com um traço que se personifica. No cartel o *mais-um* aciona a tarefa trabalhando pela causa - outro nome dado ao singular de cada um - para unir. Ao zelar para que a falta esteja presente, o *mais-um* provoca que cada um construa um produto em resposta a ela. Dessa forma a amarração é privilegiadamente simbólica, ou seja, o laço é feito com aquilo que é mais particular nos participantes do cartel, em detrimento de um traço artificial distribuído pelo líder na massa. Além disso, o que é produzido no cartel, a partir das provocações do *mais-um*, é remetido para a escola lacaniana, e não para um líder. E ainda, os membros do cartel não são necessariamente membros da escola. Daí resulta que o reconhecimento do trabalho do cartel independe de uma afiliação, mesmo dentro de um grupo maior – a escola.

5.3

Decaindo o IDEAL, a transferência de trabalho

Como vimos anteriormente, o *mais-um* mantém a aglutinação de um número *x* de pessoas mesmo trabalhando para não encarnar um ideal. Ele esvazia este lugar comum observado na massa freudiana, do qual o líder se apodera. Na massa, a consistência do Outro traz ares de igualdade entre seus pertencentes, ou seja, o saber absoluto que o líder encarna simula uma uniformidade entre os membros do grupo. Dessa forma a “lógica coletiva” de Lacan busca uma oposição à massa freudiana. O ideal aglutinador, que cerze a falta, perde espaço no pequeno grupo lacaniano. Neste o enlace não sutura. A falta aí deixa espaço para a falta no Outro, situada no permanente engano da suposição de saber em relação ao *mais-um*. Dessa forma, o cartel funciona ora pendendo para o Outro absoluto, *todo*, ora o esvaziando revelando sua condição *não toda* (Cf. Tarrab, 2001, p. 192).

No pequeno grupo lacaniano o saber totalizante é uma virtude impossível, tanto para os membros quanto para aquele (*mais-um*) que resguarda e relembra que o único conhecimento possível no cartel é saber que nada se sabe. Se imbuído desta sabedoria, o *menos-um* provoca o desejo de saber pela transferência de trabalho.

Lacan distinguiu o trabalho de transferência e a transferência de trabalho. O primeiro - mais conhecido - é o cerne da experiência analítica. Este que Freud definiu e redefiniu tantas vezes nos seus escritos técnicos⁹. Para Lacan, o trabalho de transferência é a dinâmica própria entre o psicanalista e o psicanalisante na qual este último endereça sua demanda para o sujeito suposto saber¹⁰. Entretanto, nesta dinâmica, cabe ao analista não se revestir desta projeção. Sua função é promover o engano inerente a esta “suposta” idéia de saber. Responder à expectativa do analisante neste sentido imaginariza a relação deste com o psicanalista, que fica com a função de promover a identificação. Se a cada vez que se dirige um enigma ao sujeito suposto saber, este o significa, o lugar do analista coincide com o lugar do Outro onipotente, falseando sua consistência. Além disso, esta vertente da transferência reedita as séries amorosas do sujeito, situando no analista o lugar ideal, de onde o sujeito busca se ver como amável (Cf. Jimenez, 1994, p. 18).

Lacan afirma que ao final de uma análise o que observamos é a transformação do trabalho de transferência em transferência de trabalho. Ou seja, o esvaziamento da onipotência do Outro, que não mais impõe uma resposta à pergunta inaugural: quem sou eu?

Neste caso, para Miller a função do *mais-um* estaria mais próxima a da histérica (Miller, 1994, p. 5). O discurso da histérica é comandado pelo sujeito que questiona o saber impositivo do Outro, a partir de seu sofrimento do seu sintoma. Assim a histérica provoca o outro a produzir saber. A provocação do *mais-um* não é apenas uma artificialidade. Tal como qualquer outro participante do grupo ele também é marcado pelo desejo. Por isso o *mais-um* pode dirigir-se aos outros, lhes aferindo o lugar de S1. A diferença esperada entre a histérica e o *mais-um* é que este último, uma vez em análise, sabe que os participantes do cartel, assim como ele, não são senhores nem nunca serão.

Na massa, o líder ascende ao ideal por possuir a resposta concreta da pergunta acima. Isto acontece, pois ele se reveste de um significante primordial que Lacan nomeou de S1. O S1 representa aquele primeiro nome com o qual nos

⁹ Nos escritos técnicos, “A Dinâmica da transferência” (1912) e “O amor na transferência” (1915), Freud define o fenômeno da transferência, e ainda, em “Repetir, recordar e elaborar” (1914), mais precisamente o seu trabalho.

¹⁰ Termo proposto por Lacan para indicar que o analisante infere que o analista possua algum saber sobre o sintoma deste primeiro. Idéia esta que vai se esgotando em cada intervenção do analista, que mostra ao analisante seu pretenso engano (Lacan, 1964).

identificamos¹¹, se remete ao traço, ao nome próprio. É ele o responsável pela aderência entre o sujeito e o saber, ao primeiro saber: “este sou eu.” Ao mesmo tempo esta nomeação vem acompanhada de outros nomes, inaugurando a cadeia significativa para o sujeito. No capítulo anterior quando abordamos o estádio do espelho e o Édipo tratamos justamente deste ponto. Um nome que identifique o sujeito para ele mesmo separa-o do Outro - da mãe - e inaugura a falta e o desejo. Como um único significante não é capaz de dizer tudo sobre alguém, o sujeito entra em cena desejando que outros nomes o digam por completo. Dessa forma o ventre do Outro se incha de S2, significantes que representam o sujeito.

Quando o Outro fornece uma designação, permite que o sujeito se identifique a um nome e ao mesmo tempo aponta para a possibilidade de que este se nomeie por outros significantes, S2.

A encarnação do S1 pelo líder faz com que os sujeitos da massa se enganem, pois cria a ilusão que eles obtiveram concretamente um nome para sua falta. Aí aquilo que é mais particular – o nome - como o traço que ascende o ser à categoria de sujeito, é fantasiosamente partilhado, transformando o singular numa homogeneidade universal. Neste caso, podemos dizer que na massa freudiana o discurso do mestre é predominante, trabalha arduamente na união entre S1 e S2, fazendo sua liga S1-S2.

$$\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

Neste discurso como observamos abaixo, o S1 – significante mestre - comanda a operação apresentando-se como um nome para O saber que tenta responder ao desejo. Esta operação como já vimos anteriormente, durante o terceiro capítulo, falha, produzindo como resto a falta de significação completa, a qual Lacan denominou de objeto *a*, e o sujeito dividido, marcado por esta fenda entre S1 e S2.

Historicamente, observamos as proporções que podem alcançar a incidência do discurso do mestre na massa. Talvez o nazismo seja a ilustração mais viva desses efeitos. A identificação ao traço em Hiltler – talvez seu bigode –, somado às suas promessas que o revestiam como Ideal fez com milhões de pessoas se unissem a partir da designação *nazista* que engendrava um ideal de

¹¹ Operação que Lacan circunscreveu através do “Estádio do Espelho” (1949) e retomou em outros escritos.

raça. Eles se identificaram a este nome artificial, cometendo crimes injustificáveis para alcançar o ideal proposto por Adolf Hitler. O Ideal da raça ariana serviu, no âmbito social, para tamponar as dificuldades que a Alemanha vivia naquela época, e no âmbito subjetivo a angústia que a falta encerra em cada sujeito.

No seminário de Jacques Lacan “RSI” há o seguinte apontamento: “É certo que os grupos humanos se identificam a um grupo, quando não o fazem estão em vias de serem internados, estão para retirar-se do mundo. Mas não digo por isso a qual ponto do grupo têm que identificar-se” (*apud*, Tarrab, 2001, p. 195). Todo ser humano quer fazer parte de um coletivo, estar incluído na lógica universal faz “bem”. *Ser* humano, estar contido na humanidade, ou em qualquer grupo, sacia nossa vontade de pertencimento e de reconhecimento. Porém todos temos um ponto de “inumano”, que se encontra apartado do Outro e, por isso não é coletivizável, não faz laço. É justamente na tentativa de apaziguar este insuportável que o sujeito se agrupa (Cf. Tarrab, 201, p. 194). Ele busca uma identificação para aquilo que lhe cai na nomeação, que o descompleta.

A transferência de trabalho no Cartel busca a inclusão deste particular como atributo responsável pelo saber, ou melhor, desejo de saber, pois coloca em evidência o desejo como verdade e não a resposta. Cada participante do grupo deve estar ali por sua condição desejante. Aliás, se tem alguma coisa que faz laço, impreterivelmente, é o desejo. Este último como empuxo ao laço, como resto da operação de faz emergir o sujeito.

Identificar-se ao ponto do grupo no qual, com os outros, tenho em comum o fato de que sei que sou descompletado pelo real. No ponto em que, como os outros, não estou, senão no esforço de subjetivar esse real. No ponto em – prisioneiros como somos – reconheço essa condição, o que me faz, sem dúvida, mais suportável para os outros [...]. (Tarrab, 2001, p. 196)

O grupo clínico orientado pela teoria do cartel aposta nesta identificação solidária ao sintoma. Identificar-se através desta tentativa comum que fazem todos os sujeitos para lidar com o insuportável, para subjetivá-lo. Dessa forma, talvez, a identificação possa achar um caminho pelo qual o sujeito não se perca, guardando a singularidade que lhe encerra.